

LIMA VAZ, H. C. (2002). *Raízes da modernidade*. São Paulo: Loyola, 291 p.

*João Décio Passos\**

Com este título, Padre Vaz brindou-nos com o número VII dos seus *Escritos de filosofia*. Último brinde do grande filósofo brasileiro que dá continuidade as suas sistematizações magnas, a sua perspicácia analítica e leitura original da história da filosofia. O legado de Vaz na história do pensamento brasileiro ainda está para ser resgatado, em sua exata proporção, nas futuras gerações de pensadores, como um autêntico clássico que, por natureza, atravessa o seu tempo de existência biológica. *Raízes da modernidade* expressa, coerentemente, a opção fundamental de seu itinerário filosófico: a busca da síntese entre os paradigmas da racionalidade transcendente e da racionalidade histórica. Síntese que agrega a pertinência da erudição clássica e a relevância do momento presente com suas interrogações e respostas, desde *Ontologia e história* passando por *Antropologia filosófica*. Mas síntese que, agora, toca no ponto histórico fulcral em que estes paradigmas se entrecruzam dialeticamente: o século XIII.

A busca das raízes da modernidade — como a vida pensada no pós-renascimento — neste século de crise e de

---

\* João Décio Passos é doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e professor da Faculdade São Luís e da PUC-SP.

constituição de uma Escolástica no seio das Instituições universitárias se dá dentro de uma referência histórico-teórica que transgride as concepções predominantes sobre pensamento medieval, bem como sobre modernidade. A análise da crise do século XIII expõe a diversidade e complexidade do pensamento escolástico com seu potencial inovador, rejeitando as leituras lineares e homogeneizante sobre esta fase do pensamento filosófico, bem como transgride as datas fixadas sobre o pensamento moderno, entendido como ruptura radical com a Idade Média nos usuais parâmetros do iluminismo.

A postura epistemológica de Vaz, ao recortar o objeto, é dialética. Rejeita as interpretações da modernidade, como pura ruptura ou como continuidade e mesmo as idéias de uma ruptura moderna como decadência ou como progresso da civilização e do pensamento. O livro apresenta uma estrutura que pode ser captada em três momentos de uma seqüência lógico-didática. Um primeiro momento introdutório sobre a problemática da modernidade, que corresponde ao primeiro capítulo. Um segundo, de abordagem histórico-sistemática, elaborada do capítulo segundo ao sétimo, que examina a dinâmica da crise do século treze, expondo suas conexões com a modernidade. Um terceiro, que se desdobra do segundo, faz uma escavação mais profunda no pensamento escolástico, mostrando as afinidades das grandes temáticas da metafísica com as temáticas axiais do pensamento moderno. Dois capítulos finais completam a preocupação central do livro, tratando da presença de Tomás de Aquino na filosofia do século XXI e do futuro da metafísica neste novo século.

O primeiro capítulo enfrenta a problemática da definição e das interpretações da chamada modernidade. Esta consiste, fundamentalmente, num *espetacular avanço no domínio do tempo* como consciência histórica capaz de decifrar e assumir racionalmente o passado, o presente e o futuro. Daí emergem os traços basilares da modernidade: a *objetividade* perante o mundo e a afirmação da centralidade do *indivíduo* na história e as respectivas dialéticas com a transcendência e o social. A modernidade, entendida como ruptura desde os seus primórdios históricos, apresenta o problema da relação dialética entre o antigo e o novo. Este paradigma da ruptura é apresentado como um novo que rompe com um antigo que, no entanto, lhe dá origem e é ilustrado com dois modelos interpretativos. Um primeiro que vê a ruptura como degradação do antigo dentro do novo. A modernidade seria uma espécie

de reedição historicizada ou secularizada da racionalidade medieval, o Estado moderno reeditaria o Onipotência de Deus, a filosofia da história a teologia da história e a razão moderna o reino do Espírito. O segundo modelo afirma a originalidade do novo e a superação e deslegitimação do antigo pela via política — fim da legitimidade política e religiosa medieval — pela via cultural — constituição de um novo a partir do esvaziamento do antigo. De qualquer forma, impõe-se a necessidade de buscar no antigo as raízes do novo, concretamente quando, no universo teológico estável da Idade Média, entra em cena o paradigma aristotélico.

Os capítulos referentes ao século XIII mapeam o terreno das raízes da modernidade, desenhando os cenários, os atores, as tramas e os roteiros históricos das transformações ocorridas no seio das Universidades. Encontramos aí as primeiras manifestações da renascença no âmbito da teologia e da filosofia, com as grandes sínteses teológicas, o renascimento da cosmologia platônica e, sobretudo, a descoberta de Aristóteles, bem como os ensaios de uma nova ciência, de um novo ensino e de uma nova cultura européia. O latim fornece o solo lingüístico desta cultura e a Universidade o solo institucional de produção intelectual. O roteiro doutrinal fundamental se dá na relação fé e razão, reconfigurada agora com a presença do *corpus* aristotélico. Trata-se de um roteiro que redesenha as tendências teóricas no interior da filosofia e da teologia, instaura controvérsias e provoca novas sínteses. As tradições platônico-agostiniana e aristotélica compõem, em suma, o centro das controvérsias entre o antigo e o novo. Da parte da teologia, o agostinianismo, com suas vertentes, afirma a supremacia da fé sobre a razão e o dionisismo afirma a tradição mística e espiritual. Três tendências teológicas reproduzem matrizes filosóficas fontais, a saber: da ontologia platônica a teologia da *ascensão*, do neoplatonismo plotiniano a teologia da descida ou da *processão*, bem como o imaginário cristão de uma temporalidade assumida por Deus mediante a encarnação e ressurreição: teologia da *elevação*. A cosmologia aristotélica introduz elementos desconstrutores nestas cosmovisões teológicas com a idéia de eternidade do mundo. Eis o centro da crise do século XIII e de suas transformações; crise que terá como forças divergentes a teologia anti-filosófica da tradição agostiniana, a teologia filosófica de Tomás e a filosofia anti-teológica da Faculdade de Artes da Universidade de Paris. Vaz descreve a seqüência da crise começando pela afirmação aristotélica da autonomia da razão e pela

pronta reação de Boaventura, passando pela condenação da Faculdade de Artes pelo bispo de Paris, pelas posições divergentes de Boaventura e Tomás em relação ao avanço do aristotelismo na Faculdade de Artes, bem como pela condenação, como heresia, do núcleo do chamado aristotelismo heterodoxo que afirmava a unicidade da alma, o determinismo da vontade, a eternidade do mundo e a negação da divina providência. Como desfecho, impasse e transição é que entra em cena, de um lado, a grande síntese do mestre aquinate e, de outro, a condenação das 219 teses debatidas na Faculdade de Artes em 1277. Esta convulsão, conclui Vaz, tem no centro a difícil transição de uma ontologia da essência, herdada do mundo antigo, para uma *ontologia da existência* de matriz criacionista. Tomás de Aquino, ao patrocinar este encontro em sua síntese metafísica, lançou as raízes mais remotas da modernidade.

É, portanto, no interior desta metafísica, subsolo do pensamento do século XIII, que Vaz busca as raízes da modernidade e constrói o terceiro passo da reflexão. Aqui encontramos a pergunta fundante da metafísica: pela *causa essendi*. O problema do ser, talhado por Tomás, segue as trilhas do mestre Aristóteles, negando qualquer separação entre o formal e o real. A inteligibilidade do ser abarca, pois, a problemática da *causa eficiente*, sobre sua origem, e da problemática da *causa formal*, sobre sua estrutura ou sua essência. Esta metafísica do *esse* é exposta num roteiro que contém duas esferas especulativas: o *Esse* absoluto e os *entes* relativos. A esfera do *Esse* absoluto é aprofundada em quatro estágios que precedem, de alguma forma, aspectos e problemáticas da modernidade: 1) Estágio noético-metafísico: a tradição essencialista grega será o elemento formatador da revelação bíblica do criacionismo, abrindo o caminho para a diálogo entre razão e existência, entre o noético e o histórico e configura o caminho para o pensamento ocidental posterior, enquanto crítica do mito, e racionalização do destino e da natureza; 2) Estágio noético-ontológico que relaciona o transcendental objetivo da metafísica tomásica com o transcendental subjetivo da filosofia moderna, sendo que em ambos os casos coloca-se a questão da relação entre Idéia e existência; 3) Estágio ontológico-formal: trata da análise dos transcendentais clássicos do ser: uno, verdadeiro e bom. Estes atributos serão transpostos para o sujeito transcendental kantiano; unidade sintética da percepção, o verdadeiro como condição da razão teórica e o bom como condição da razão prática; 4) Estágio ontológico-real que coloca a noção de tomásica de liberdade absoluta de Deus

como uma das raízes mais profundas da modernidade com sua metafísica da liberdade. Estes estágios se repetem, na arquitetura lógica vaziana na esfera dos entes relativos, buscando, agora, expor a dialética da diferença na identidade. 1) Estágio noético-metafísico: a criação. Aqui a metafísica busca solucionar a relação transcendência e imanência ao incorporar a doutrina da criação, o que abre caminho para a concepção de história, central no pensamento moderno. Expõe ainda a problemática da relação entre essência e existência, na tradição clássica trata-se da colocação da distinção e relação entre o ser relativo e o ser Absoluto, na modernidade a busca de sentido para a existência subjetiva imanente; 3) Estágio noético-ontológico que estabelece a relação por *participação* dos seres relativos no Ser absoluto. A modernidade, por sua vez, efetiva-se numa imensa rede de participação horizontal e vertical dos sujeitos em diversas esferas da vida; 4) Estágio ontológico-real: pergunta pela ordem e pela finalidade do esse, colocando-as na esfera do Princípio. A modernidade, embora introduza a idéia de objeto, sucedendo ao esse, instaurou o reino dos objetos, definidos pela utilidade e desvinculados das finalidades.

*Raízes da modernidade* fornece ao leitor uma chave de leitura original do pensamento ocidental, de modo a romper com as visões lineares e estanques da história da filosofia e mesmo com preconceitos teóricos que dicotomizam o medieval e o moderno no seio das humanidades e no imaginário geral da história. A dialética entre o antigo e o novo é, deste modo, recuperada e demonstrada num edifício lógico que nos conduz gradativamente ao interior da metafísica e de suas grandes questões. Neste sentido, trata-se de uma crítica radical dos clichês teóricos do iluminismo que explicam a modernidade a partir de si mesma e, ao mesmo tempo, de uma brilhante análise do pensamento medieval no processo fecundo e complexo de sua constituição. Desautorizando qualquer visão homogênea do pensamento medieval, o autor mostra como o século XIII constituiu o marco de uma dialética múltipla entre o antigo e o novo, lançando já as bases culturais e teóricas de uma nova época que se efetivou com a renascença. A modernidade, por sua vez, é interpretada neste enfoque amplo que extravasa para além de sua imanência episteológica e de seu projeto mais imediato.

O olhar sinótico da obra demonstra mais uma vez a maturidade insuspeita do autor e oferece-nos a possibilidade de segui-lo didaticamente nos percursos da filosofia desde suas matrizes mais remotas no mundo

grego até o pensamento moderno, de ancorar nas categorias centrais do pensamento ocidental e perseguir, reflexivamente, as teias de um raciocínio de rigor lógico ao longo dos capítulos e do conjunto da obra. Trata-se de uma síntese, de fato, indispensável não só aos profissionais de filosofia como a todos os estudiosos da modernidade em geral.

A recuperação do lugar da metafísica na história do pensamento, de modo particular, da metafísica medieval no seu grande edifício tomásico lança o desafio de re colocação, em nossos dias de modernidade avançada, dos discursos sobre Deus, sobre o homem e sobre a ética. A hegemonia de uma racionalidade imanente, que se instaurou, a partir da modernidade, carece de um reencontro com o *Ser* no horizonte da abordagem metafísica como superação do niilismo e como colocação de referências fundamentais para uma nova civilização. Será este o lugar da filosofia no quadro geral das ciências e da sociedade e cultura modernas.

Vaz se expõe, mais uma vez, como filósofo preocupado com os rumos e a performance da civilização contemporânea, postulando para tal um lugar sociocultural imprescindível para a filosofia, especificamente para a reflexão metafísica. *Raízes da modernidade* é, neste sentido, além de uma obra de perspicácia e erudição filosófica, uma demarcação da postura ética do pensamento e *do pensador*.